[Recensão a] Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano, Benjamim Pereira, Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho, (Etnologia-I)

Autor(es): Ponte, Sálete da

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45736>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_19_16

Accessed : 26-Apr-2023 12:54:55

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XIX

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1980

ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA, FERNANDO GALHANO, BENJAMIM PEREIRA,
Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho, (Etnologia-), Instituto
Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia,
1978, 246 págs., 121 fotografias.

Esta obra é a primeira de uma série de publicações sobre etnologia patrocinadas pelo Instituto Nacional de Investigação Científica.

Os autores dividem esta obra, fundamentalmente, em 3 capítulos: introdução, tecnologia do linho e o linho no imaginário. No primeiro capítulo, enumeram as diferentes espécies do *Linum Usitatissimum* L e traçam a sua distribuição geográfica no território português; referem que o fabrico do linho e a sua utilização têxtil é já atestada no Egipto, graças à descoberta de «tecidos e fusos encontrados nas jazidas do Neolítico por volta de 5 000 C»; referem que na mesma área há outros achados que datam do mesmo período entre 4 000 e 3 000 C e que revelam já um alto grau de perfeição e de desenvolvimento técnico no fabrico desta fibra; porém, estas citações arqueológicas não são acompanhadas de nenhuma documentação fotográfica. Por outro lado, ao historiarem a antiguidade e evolução do linho através dos tempos, não se referem a certos autores latinos, nomeadamente a Plínio o Velho que, na sua «Naturalis Historia», descreve alguns processos de cultivo, de tratamento e de fabrico das fibras têxteis, mormente do linho na antiguidade (Plínio, N. H., VIII, 196; XI, 78; XVII, 56; XVIII, 165; XIX, 16-18; XXXV, 150, 175; 183-188). Não deixam, todavia, de referir que os autores latinos como Estrabão e Plínio o (Velho) noticiam que os Iberos de Emporium (Ampúrias) e o grupo dos Zoelae fabricavam o linho na Península Ibérica. Reconhecem, ainda, sem margem para dúvidas, que o desenvolvimento e a definição da indústria linheira de cariz artesanal se deu no período romano e que a partir daí ocupou até à revolução industrial um lugar de destaque na escala dos valores económicos rurais. São dignas de registo, as numerosas referências que há em textos da Idade Média, e que os autores mencionam de modo tão completo quanto permite a documentação conhecida, sobre as espécies de tecido de linho (bragal, lenço e estopa); o seu carácter rural de consumo e comercialização nos mercados nacionais; a importação de tecidos finos de linho em concorrência com a fraca qualidade de produção nacional; a estagnação e decadência da indústria linheira artesanal.

No segundo capítulo, os autores distinguem quatro aspectos: em primeiro lugar, a planta—engloba os tipos de terreno, de adubação, a preparação da terra, a sementeira, a colheita e arrumação do linho; em segundo, a fibra — inclui as operações necessárias à limpeza, tratamento e separação das fibras do linho, com vista à sua utilização têxtil; em terceiro, o fio apresenta um conjunto de utensílios indispensáveis a fiação das fibras; em quarto, o tecido —engloba os instrumentos e acessórios necessários à sua confecção. Cada um destes aspectos é amplamente documentado por grande variedade de figuras e desenhos que representam diversas etapas dos trabalhos agrícolas e artesanal do linho. Os autores não tratam, porém, dos processos de ripagem

(assedagem) e de penteação do linho que, já na antiguidade, nomeadamente na época romana obedeciam a regras (cf. SIGFRIED J. DE LAET, EEN GALLO-ROMEINSE KAARDE VIT HOPTADEBIJ-AALST (OOSTYLAANDEREN), in *Archeologie en Histoire*, Bussum, 1973, p. 363; J. P. WILD, *Textile Manufacture in the Northern Roman Provinces*, Cambridge, 1970, p. 25, fig. 9, Ests. Ib e II). Estes processos ainda hoje são seguidos nas zonas rurais portuguesas; acrescentaremos ainda que conhecemos no nosso país dois pentes de cardar, em ferro, um proveniente de Conimbriga (cf. «Conimbriga», Vol. XVII, 1978, p. 135, Est. I, n.º 1) e outro, ainda inédito, que se encontra no Museu Arqueológico e Etnológico de Tomás Pires, em Eivas.

No n.º 3 do segundo capítulo, os autores descrevem minuciosamente as fases por que passam as fibras têxteis até à produção do fio-primeiro, o uso simples do fuso e da roca; depois o aparecimento das rodas de fiar accionadas à mão e ao pedal e, finalmente, o sarilho e a dobadoira. Estas etapas são exemplarmente documentadas com numerosos desenhos e figuras antigas e modernas. Alguns destes modelos encontram-se ainda nas nossas aldeias.

No n.º 4 do segundo capítulo são descritos os princípios mecânicos e funcionais dos teares verticais, horizontais e de grade. O seu aparecimento é largamente representado por meio de desenhos e de diagramas que ilustram claramente como se procede ao fabrico de tecidos de textura simples ou complexa, de atafaias, de cilhas, de franjas e de cordas. Porém, para o fabrico de franjas, os autores apenas citam o tear de grade e não o de tabuínhas. Hoje em dia, tal como no período romano, (cf. MARGA E HERIBERT JOLIET-VAN DEN BERG, *Entrançados* (Coleção Artesanato, n.º 19, 1976), os galões e as franjas são feitas ou a partir do tear de grade, ou de um conjunto de tabuínhas quadrangulares. Do período romano, foram recolhidas em Conimbriga quatro destas placas, sendo 3 em osso e 1 em bronze (cf. Conimbriga, Vol. XVII, p. 137-138, Est. III, 59-60; Fouilles de Conimbriga, Vol. VII, 1979, p. 53, Est. XI, 179-180).

Referiremos ainda que para além do modelo de tempereiro em ferro forjado ilustrado pelos autores (Fig. 91), conhecemos um outro, ainda inédito, de madeira e ferro proveniente de Condeixa-a-Nova, que apresentaremos num dos próximos volumes desta revista.

Este capítulo encerra com uma listagem das diversas aplicações do linho.

No terceiro capítulo, os autores historiam a importância do linho desde a Antiguidade até aos nossos dias, como factor económico-social, religioso, mágico, profilático e curativo.

O livro termina com uma bibliografia variada e abundante. Em nosso entender, faltam aquelas duas obras, todavia essenciais para o estudo desta matéria a que já nos referimos (cf. LAET, 1973 e WILD, 1970).

SALETE DA PONTE